

## Mulheres Kaingang: AS REDES FEMININAS E A FORMAÇÃO DE INSTITUIÇÕES INDÍGENAS DA TERRA INDÍGENA SERRINHA

JOZILÉIA DANIZA JAGSO INÁCIO JACODSEN<sup>1</sup>;  
JORGE EREMITES DE OLIVEIRA<sup>2</sup>

### 1. INTRODUÇÃO

A partir da etnografia realizada na Terra Indígena Serrinha esta pesquisa discute como tema central as mulheres kaingang Odila Kysã, Andila Nivygsãnh e Ângela Norfa, e as redes por elas formadas. A aldeia sofreu até meados de 1960 o esbulho total de seu território e a expulsão dos Kaingang que ali viviam. Neste contexto, estudo a atuação destas mulheres, considerando suas trajetórias, os seus caminhos e de suas famílias, bem como as alianças entre as mulheres, as redes de parentesco e a preocupação com a nomeação kaingang dos filhos e netos e sua influência na vida da pessoa. Por fim destaco a articulação política destas mulheres em torno do Ponto de Cultura que é um espaço público, onde exercem papéis de liderança.

Nós Kaingang, como outros povos, estamos continuamente em transformação, seja no que diz respeito à língua ou outras manifestações da cultura, em seus diversos contatos com outros povos indígenas e até muitas vezes com os mesmos Kaingang de outras regiões. O processo de colonização se deu de maneira incisiva e feroz, incidindo em muitos aspectos de nossa vida.

Assim como muitos outros indígenas, também passamos por um regime violento na tentativa do governo de nos retirar dos nossos territórios, nos expulsando para outros locais, mas principalmente nos confinando em aldeamentos.

Ao longo da experiência como índios aldeados, vivenciamos diferentes tipos de relações de subordinação: escravidão, assalariamento de diferentes matizes, parceria e arrendamento fora das reservas. Ao mesmo tempo sofreram políticas indigenistas variadas que foram alterando radicalmente seu modo de vida e consequentemente surgiram novas formas de sociabilidade internas e externas. Como cada grupo aldeado sofreu compulsões locais diferenciadas, o resultado atual apresenta um mosaico de situações também variadas. (TOMMASINO, 1996, p. 15).

As minhas interlocutoras *Kysã*, *Nivygsãnh* e *Norfa* percorreram longos caminhos e por onde passaram foram se construindo e se tornando lideranças. Estes caminhos percorridos, embora distintos dos caminhos feitos pelos nossos antepassados, tem a ver como o modo de viver kaingang em distintos espaços.

Quando afirmamos que o modo de vida kaingáng era definido pelas atividades de caça, pesca e coleta é porque a forma de organização do espaço tinha sido conformado por essas atividades: a construção de ranchos provisórios (*wäre*) o qual tinha como referência o *emã* (aldeia fixa). A mobilidade no interior de seu território tinha as seguintes

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas - Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, e-mail: danikjj@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – e-mail: eremites@hotmail.com

características: as atividades florestais ou de pesca se organizavam em torno dos grupos de parentesco; o emã nunca ficava vazio, Estas informações apontam para um tipo de territorialidade própria dos Kaingáng. (TOMMASINO, 1996, p. 9).

Os Kaingang de modo geral ainda mudam muito de um local para outro, assim como faziam no passado, tomando posse do seu território.

Assim também Odila, Andila e Ângela caminharam, e neste movimento foram construindo alianças. Cada uma fez o seu caminho de maneira diferente, embora o de todas tenha culminado em Serrinha. No caso das três, as questões políticas que haviam nas aldeias até algum tempo atrás, com a prática da transferência, quando um grupo discordava do cacique ou queria tomar a liderança, moveu elas, para buscar um território onde pudessem se assossegarem.

Em Serrinha elas foram se encontrando, mudaram com suas famílias e iniciaram um novo ciclo, encaminharam e formaram filhos no ensino superior, brigaram pelas cotas nas universidades públicas no sul.

A partir do núcleo formado por elas, foi um momento de constituir uma rede maior. Isso aconteceu principalmente por perceberem que muitas das suas demandas beneficiariam a todos e que eram sempre deixadas em segundo plano pelos gestores dos órgãos que trabalhavam com eles. Em palavras da Ângela, sobre a criação do Instituto Kaingang (INKA), ela relata a decisão de criar uma instituição não governamental, onde elas pudessem buscar os recursos e realizar os projetos.

Este período da criação do INKA contou com uma contribuição bem significativa das filhas da Andila que haviam se graduado recentemente em direito e enfermagem, junto das filhas da Iraci e Odila que eram professoras da escola *Fág Kavá* e todas as outras que fundaram o Instituto.

Do INKA originou-se o projeto Ponto de Cultura *Kanhgág Jãre*. Trata-se de um espaço de reuniões, exposições, oficinas e encontros, em suma, um espaço público no qual as mulheres têm tido uma atuação forte e domínio político.

No ponto de cultura acontecem reuniões sobre os mais diversos assuntos: possíveis projetos, recebendo outras pessoas e entidades que visitam a aldeia, algumas vezes só para conversar e saber da rotina da comunidade, e encontros de lideranças. O espaço tem sido usado para vários fins que fortaleceram as redes que são fomentadas através das mulheres.

Nós Kaingang fizemos coro como as demais indígenas, na busca de uma vida melhor, em diferentes espaços. E temos utilizado as oficinas, reuniões e seminários que acontecem no ponto de cultura para expor nossas demandas.

Em uma destas reuniões as minhas interlocutoras com mais algumas mulheres, estavam Ângela, Odila, Andila, Cenira, Alzira, Laurita e Iraci, que se juntaram e começaram a nutrir a ideia de retomar a terra onde nasceram na aldeia Carreteiro, mas não onde hoje é a aldeia, no lugar que os colonos tomaram posse e que elas reconheciam como seu território. Movidas pelo desejo de estar onde os umbigos delas estão enterrados e onde também estão os pais Joana e Manoel e os outros parentes já falecidos.

Elas organizaram um grupo com algumas famílias, pediram apoio ao Cacique Antonio *Mig* e deram início a retomada, atualmente é o acampamento Faxinal, de acordo com os relatos já coletados, e onde a Ângela atualmente é a cacique.

Sobre a atuação das mulheres em um contexto mais amplo Sacchi (2003: 102) diz que o movimento de mulheres indígenas é para fortalecer o movimento em geral e em seus discursos explicitam o direito ao território, saúde e educação.

Esta percepção do que fragiliza o movimento, faz das mulheres lideranças, conscientes sobre o papel que terão que representar para que possamos demarcar e usufruir melhor dos nossos territórios.

Andila e Odila estão morando em Serrinha, porque no acampamento ainda não há casa para todas, mas as visitas são constantes.

Estas atuações nas instituições INKA e ponto de cultura colaboraram na consolidação e reconhecimento destas mulheres enquanto líderes kaingang.

## **2. METODOLOGIA**

Esta pesquisa é tecida pela escolha do caminho que fiz para trabalhar com o tema das mulheres kaingang na Terra Indígena Serrinha, suas trajetórias e as redes formadas por elas, bem como suas ações políticas. Esta etnografia é resultado do trabalho de campo realizado na Terra Indígena Serrinha, aldeia a qual pertença, e com o acampamento Faxinal, ambas no estado do Rio Grande do Sul, locais em que as atuações políticas femininas chamaram a atenção, especialmente em torno das mulheres pesquisadas, Odila Inácio Claudino, Andila Inácio e Ângela Inácio Braga. Estas mulheres Kaingang tem em suas trajetórias o percurso vivido nas lutas pelas demarcações de terra e por nossa sobrevivência física e cultural.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A pesquisa está em fase de análise dos resultados coletados e escrita. É importante salientar que pertencer ao grupo e ao local em que realizei a pesquisa foi desafiador, especialmente porque é dominante o pensamento sobre o domínio da esfera pública estar relacionado ao homem e a esfera doméstica estar relegada a mulher nas sociedades Jê, mesmo em nós kaingang. Esta visão sobre a sociedade patriarcal, sobre o pertencimento a metade paterna e a configuração do nosso regime de liderança, nos remete ao entendimento que muitos autores falam, a exemplo de Veiga que vai mais longe afirmando: “Creio que as mulheres kaingang jamais desempenharão um papel de cacique, embora percebam muito mais rapidamente, os problemas da comunidade e as soluções possíveis para os impasses” (2000: 99). Durante a pesquisa consegui entender que sim, que as mulheres têm um papel fundamental na esfera doméstica, tem total domínio sobre este local. Mas não é só na esfera doméstica que as mulheres kaingang tem se mostrado, há um fortalecimento das redes que elas criaram, e eu me incluo nestas redes, que fomenta o aparecimento cada vez maior destas mulheres no domínio público. Está havendo uma aceitação pela parte masculina também, que considero que se deve ao fato das mulheres realizarem a educação destes homens durante toda infância e juventude, reforçando os laços entre eles, como também identificado por Gibram (2012:100).

## **4. CONCLUSÕES**

Fiz a tentativa de compreender a atuação das mulheres kaingang da Terra Indígena Serrinha, trazendo como narradoras principais Odila Kysã, Andila Nivygsãnh e Ângela Norfa, considerando suas trajetórias e também as particularidades de Serrinha. O processo de retomada da terra indígena, nos anos 90, a formação da comunidade em prol do ponto de Cultura Kanhgág Jãre, o fortalecimento das redes em torno do Instituto Kaingang, foram agentes de transformação nestas mudanças da posição social da mulher kaingang na TI Serrinha.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIBRAM, Paola Andrade. **Política, Parentesco e outras Histórias kaingang: uma etnografia em Penhkár**. Florianópolis – SC. 2012, 202 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2012.

SACCHI, Ângela. **Mulheres indígenas e participação política**: a discussão de gênero nas organizações de mulheres indígenas. Revista ANTHROPOLOGICAS, ano 7, volume 14 (1 e 2): 95-110 (2003). Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaanthropologicas/index.php/revista/article/view/22/25>  
Acesso em: 25/03/2015.

TOMMASINO, Kimiye. **A história dos Kaingáng da bacia do Tibagi**: uma sociedade Jê meridional em movimento. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. - **OS KAINGÁNG E A CONSTRUÇÃO DO TEMPO ATUAL**. Texto apresentado na XX Reunião da ABA – Associação Brasileira de Antropologia. GT interdisciplinares dos Jê do Sul. Salvador, 14 a 18 de abril, 1996.

VEIGA, Juracilda. **Organização social e cosmovisão Kaingáng**: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação em uma sociedade Jê meridional. 1994, 282 f. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1994;

\_\_\_\_\_. - **Revisão bibliográfica crítica sobre a organização social kaingang**. In: Cadernos do CEOM, 10 anos de Cadernos do CEOM. Edição englobando Cadernos do Ceom, n. 1/8. Chapecó: UNOESC, 1999.

\_\_\_\_\_. - **Cosmologia e práticas rituais kaingang**. 2000, 367 f. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2000.